

AS MÃES DA APAE: O RELATO DE UMA VIVÊNCIA A PARTIR DA ARTETERAPIA

Mariângela Ferrari Santana¹
Claudia Waltrick Machado Barbosa²

RESUMO

O objetivo do presente estudo é apresentar o modo como a arteterapia pode ser trabalhado, através de oficinas. A arteterapia pode contribuir para a adequação do desempenho do papel de mãe de crianças portadoras de necessidades especiais, assim como na evolução do processo de desenvolvimento emocional e social destas mães. Em outros termos, este trabalho tem a finalidade de demonstrar a importância de uma intervenção pautada nas relações e na interação das mães da APAE da cidade de Lages – SC. Objetiva também ilustrar a relevância da arteterapia na transformação interna e externa do indivíduo. A arteterapia no campo da psicologia pode ser utilizado como um meio facilitador das interações interpessoais. Este estudo tem como base, o estágio em psicologia. A descrição desta intervenção permite analisar como as mães da APAE podem se utilizar da arteterapia para resgatar o convívio social, Avaliar a importância da Arterapia na autoestima das mães da APAE, Compreendendo como as mães lidam com a deficiência dos seus filhos. Esta pesquisa tem como mote norteador a pesquisa qualitativa e a pesquisa narrativa.

Palavras-chave: Arteterapia, Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, Mães, Relação Interpessoal.

MOTHERS OF APAE: AN ACCOUNT OF AN EXPERIENCE FROM THE ART THERAPY

ABSTRACT

The aim of this study is to present how art therapy can be worked, through workshops. The art therapy can contribute to the adequacy of the performance of the role of mother to children with disabilities, as well as in the evolution of the process of emotional and social development of these mothers. In other words, this work aims to demonstrate the importance of an intervention based on relationships and interaction of mothers of APAE of city of Lages-SC. Objective also illustrate the relevance of art therapy in internal and external transformation of the individual. The art therapy in the field of psychology can be used as a kind of facilitator of interpersonal interactions. This study is based, the internship in psychology. The description of this intervention allows analyzing how mothers of APAE can use of art therapy to rescue the social conviviality, Evaluate the importance of Arterapia in the self-esteem of the mothers of APAE,

¹Acadêmico da 10ª fase do Curso de Psicologia do Centro Universitário Unifacvest

² Psicóloga e pedagoga – Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário Unifacvest, Mestre em educação, especialista em terapia familiar e de casal.

Understanding how mothers cope with. This research has as guiding you the qualitative research and narrative research.

Keywords: Art Therapy, Association of Parents and Friends of Exceptional Children, Mothers, Interpersonal Relationship.

INTRODUÇÃO

Este estudo refere-se à contribuição da Arteterapia no desenvolvimento emocional e na integração de mães de crianças com necessidades especiais. O interesse por esta temática surgiu a partir do estágio desenvolvido no APAE da cidade de Lages – SC. Durante a intervenção realizada, foi possível observar que as mães de crianças que apresentam algum tipo de deficiência encontram dificuldade em lidar com a adaptação do papel de mães de crianças que demandam uma atenção peculiar em relação aos cuidados físicos, comportamentais e emocionais.

Estas mães vivenciam um processo de luto por não gerarem o filho ao qual tinham idealizado no período gestacional, onde muitas vezes o sentimento de tristeza, decepção, raiva, culpa e ansiedade, não são por elas expressos, seja por vergonha ou por medo do julgamento das outras pessoas. Neste âmbito, as mães de crianças portadoras de necessidades especiais vivenciam um intenso sofrimento emocional, necessitando de um atendimento terapêutico que as ajudem a reconhecer, elaborar e integrar os sentimentos que permeiam as suas existências.

Portanto, estas mães precisam de um suporte emocional e de orientações específicas que as auxiliem no desenvolvimento do papel de mãe, a fim de que possam suprir satisfatoriamente as necessidades básicas de seus filhos. Isto é, faz-se necessário prover o equilíbrio emocional das mães e informá-las sobre a importância de elas estarem atentas às necessidades físicas e emocionais sinalizadas por seus filhos, a fim de haver a consolidação de uma boa estrutura na integridade do ego de suas crianças.

O modo como se processa a relação entre mãe e filho gera um impacto crucial no desenvolvimento psicológico infantil, numa demonstração da importância em trabalhar a adequação do papel de mãe, na esfera terapêutica. É válido ressaltar também a necessidade de se trabalhar as relações familiares, em razão da existência de uma grande dificuldade de adaptação dos membros familiares perante os desafios cotidianos.

Neste sentido, é preciso realizar um trabalho terapêutico com as mães de crianças especiais, enfatizando não somente os aspectos inerentes ao processo do papel de mãe, mas também sobre o modo como ocorrem as relações familiares e como se processa o

desenvolvimento psicológico pessoal, a fim de haver a concretização de um trabalho abrangente e capaz de realmente prover uma qualidade de vida da família dos indivíduos que apresentam algum tipo de deficiência.

Considera-se, então, que a Arteterapia é uma excelente metodologia terapêutica, que pode auxiliar o desenvolvimento emocional das mães de crianças com necessidades especiais, e propiciar o ajustamento adequado do desempenho do papel de mãe. Concorde-se também que a Arteterapia, através da utilização de recursos artísticos (pintura, modelagem, teatro, dança), ativa o potencial criativo do sujeito, e possibilita uma ampliação no modo de perceber os aspectos internos e externos.

Em outros termos, o trabalho com arte, enquanto processo terapêutico resgata a espontaneidade e a criatividade do ser humano, e propicia a conscientização dos conflitos psíquicos dos aspectos que permeiam o sistema social. A arteterapia possibilita o reconhecimento da dinâmica psíquica, através da conscientização e integração do conteúdo simbólico inconsciente. Ou seja, a Arteterapia constitui-se numa abordagem que viabiliza o acesso aos conteúdos psíquicos e assim favorece o processo de autoconhecimento do sujeito.

A arteterapia viabiliza uma adequação na relação do sujeito consigo próprio e com as demais pessoas, oportunizando transformações e a manifestação consciente de comportamentos, atitudes e no desempenho dos papéis sociais. Por esta razão, a escolha da Arteterapia por ter sua essência na criação estética e elaboração artística em prol da saúde. (COQUEIRO, VIEIRA; FREITAS, 2010 apud SEI, 2009, p,21) e por ser uma atuação artística expressiva, o que considera a arte elaborada [...] não como um objeto artístico em si, mas como favorecimento do processo expressivo da pessoa (SEI, 2009, p,22), contribuindo para que o indivíduo possa comunicar mais facilmente seus sentimentos, minimizando a possibilidade de estes serem internalizados de forma patológica ou atuá-los destrutivamente (LIDÓRIO JUNIOR, 2011 apud SEI, 2009, p,23).

Desta forma, ratifica-se que a Arteterapia é uma metodologia terapêutica que pode contribuir imensamente no desenvolvimento emocional das mães de crianças com necessidades educativas especiais, em razão de constituir-se numa abordagem que resgata o potencial criativo do ser humano e que favorece o processo de autoconhecimento do indivíduo. Enfim, a Arteterapia colabora para ajustar o desempenho no papel de mães, majorar os vínculos familiares e proporcionar o desenvolvimento emocional das mães de indivíduos que apresentam algum tipo de deficiência, ampliando assim as suas qualidades de vida.

Arteterapia é uma modalidade técnica que utiliza recursos artísticos; materiais gráficos: lápis de cor, giz de cera, caneta esferográfica, tinta; materiais plásticos: garrafas, potes, tampas;

materiais cênicos: movimento, fala, voz, mímica, postura, expressão corporal, linguagem verbal e não verbal, e muitos outros, com o objetivo de facilitar o trabalho terapêutico individual e social. Trabalho este que promove o aumento do conhecimento de seu corpo, de suas idéias, sensações, ações e, posteriormente, promove também uma reflexão sobre a atividade realizada descobrindo os sentimentos e pensamentos que propiciarão um aumento da consciência sobre “si mesmo” e sobre “o outro”; com isso há uma integridade tanto física quanto psíquica, além de o paciente estar mais “atento” em suas relações sejam elas, profissionais ou pessoais.

A Arteterapia é considerada uma técnica que pode ser utilizada em várias situações e contextos como hospitais, clínicas, institutos, escolas, empresas, clínicas especializadas, instituições, presídios, orfanatos, asilos, abrigos, comunidade, entre outros. Portanto, neste estudo a arteterapia veio como meio facilitador para a relação entre as mães da APAE. Estas mães vivenciam um processo de luto por não gerarem o filho ao qual tinham idealizado no período gestacional, onde muitas vezes o sentimento de tristeza, decepção, raiva, culpa e ansiedade, não são por elas expressos, seja por vergonha ou por medo do julgamento das outras pessoas. Em outros termos, as mães de crianças portadoras de necessidades educativas especiais vivenciam um intenso sofrimento emocional, necessitando de um atendimento terapêutico que as ajudem a reconhecer, elaborar e integrar os sentimentos que permeiam as suas existências.

Buscáglio (1993) relata que quando o núcleo familiar consegue enfrentar as dificuldades cotidianas de modo realista, gradativamente a família irá encontrar soluções adaptativas e ajustadas perante a deficiência de um de seus membros. O mesmo autor cita que a atitude da mãe exerce uma grande influência na aceitação ou rejeição da criança deficiente por parte dos demais membros da família e que elas precisam aprender a lidar com a pressão advinda da sociedade, em razão da existência de um acentuado preconceito social em relação a seus filhos, até mesmo no próprio meio familiar. Frente a este pressuposto cabe questionar: a arteterapia no campo da psicologia pode ser utilizado como um meio facilitador das interações interpessoais no caso de mães de acompanham seus filhos na APAE?

Para responder este questionamento este artigo tem como objetivo norteador buscar frente ao contexto das mães da APAE da cidade de Lages – SC, a importância da arteterapia nas relações interpessoais, para reintegração da vida social, considerando que as mesmas dedicam muito tempo de suas vidas com cuidados ao filho deficiente, bem como pesquisar a importância da arteterapia como instrumento facilitador nas relações interpessoais; analisar como estas mães podem se utilizar da arteterapia para resgatar o convívio social; avaliar a importância da Arteterapia na autoestima das mães da APAE; compreender como estas lidam

com a deficiência dos seus filhos e por fim relatar as vivências das mães da APAE com a arteterapia.

DISCUSSÃO

A arteterapia como meio facilitador das relações interpessoais

A arte é vida e acompanha toda a experiência do homem, vivencia universal e única, conhece e se deixa invadir por imagens: figuras, formas, textura, cores e cheiros de um encontro deslumbrante consigo mesmo mediante os materiais artísticos (CIORNAI 2004, p. 25)

Ciornai (2004, p. 51) complementa explicando que o indivíduo se expressa em arte e “tem a possibilidade de estar mais consigo mesmo, voltando-se para sua profundidade interior e, assim, caminhar para maior e mais profunda consciência de si e de sua ligação com um todo mais amplo”. Sendo assim, arte deve ser trabalhada de forma abrangente, abrindo caminhos para o experimento que leva a múltiplas possibilidades e a diversidade de materiais, transformando elementos internos e externos em atitudes que facilitem o contato com a natureza criativa e divina de cada ser.

Ainda para Ciornai (2004, p. 553) quando se sabe mais de si, sabe-se mais do outro. E a medida que trabalha seus potenciais e fragilidades, que se conscientiza, não acrescenta só a si, mas também ao outro, à família, à comunidade, à sociedade. Fazer arte é expressar relações, é perceber o que elas são e como podem se transformar tanto no campo Artístico quanto na vida.

O trabalho com as mães da APAE teve como premissa inicial, apresentar a Arterapia apenas como meio difusor da arte em si e de sua aplicabilidade como trabalhos manuais. A intenção neste momento não era propagar outro conhecimento a não ser este, pois, no trabalho com as mães realizado na instituição até então, não dera frutos. Foram muitas as tentativas, segundo a própria instituição. Foi necessário, uma introdução sem nenhuma intenção para posteriormente chegar ao objetivo. O que se buscava era ampliar a forma de comunicação destas mulheres.

O trabalho desenvolvido apoia-se no que diz Batista (2007, p.21), pois a autora explica que, comportamentos que incluem tanto aspectos verbais quanto não-verbais influenciam a comunicação, ou seja, a relação humana. Portanto, a inabilidade nesta área prejudica a qualidade de vida, o bem-estar, as interações sociais e favorece desajustes sociais, tais como, timidez, isolamento social e problemas psicossomáticos. “Quando este sintoma se manifesta, o

indivíduo passa a se queixar de uma doença orgânica, sem se dar conta que o conteúdo desencadeador dessa sensação fisiológica é advindo de um sentimento conflitivo”.

Diante do exposto pela autora, o grupo de trabalho, foi composto por mulheres com a faixa etária de 25 a 61 anos, sendo que a maioria donas de casa e separadas de seus cônjuges. De modo geral, observou-se que as integrantes do grupo manifestam um intenso sofrimento em relação às dificuldades cotidianas no manejo do comportamento de seus filhos, além de encontrarem dificuldade para aceitar o diagnóstico clínico de seus filhos. Apesar das mães da APAE estarem dividindo o mesmo espaço dentro da instituição e passarem pelos mesmos problemas, elas não se relacionavam entre si, pois, havia um certo distanciamento que dificultava a comunicação entre elas.

Jung e Robertson (2002 apud Batista, 2007 p. 22) acerca deste contexto, descreveram vários métodos, para trabalhar estes conflitos, nos quais pode se realizar a transição dos conteúdos inconscientes, sintomas orgânicos ou emocionais, para o plano consciente. Dentre estes métodos, que auxiliam o indivíduo na compreensão desta manifestação, encontra-se a Arteterapia, que fazendo referência à afirmação de Diniz (2002 apud Batista, 2007 p, 22):

A Arteterapia se utiliza de técnicas expressivas para a amplificação (desenho, modelagem, pintura, dramatização, caixa de areia, entre outras), leva a esse movimento de circunscrever o símbolo sem interpretá-lo, sem reduzi-lo, ao contrário, amplificando-o.

Batista (2007, p. 21-22) “comenta que por meio da utilização destas técnicas, se torna possível à representação mental, a simbolização do sintoma e conseqüentemente a transformação do todo”. Como grande parte da vida é construída de interações com outros indivíduos, os que evitam contatos e preferem se isolar socialmente são mais propensos aos problemas psiquiátricos. Além do fato de que questões emocionais reprimidas e relações sociais insatisfatórias podem facilitar doenças físicas. Essa é a questão que torna o desenvolvimento de habilidades sociais importantes na qualidade de vida (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 1999, p, 28).

A arteterapia com as mães da instituição APAE, seguiu estes parâmetros, pois as técnicas aplicadas além de trabalhar as habilidades sociais, também tinham o intuito de lentamente trazer à tona as questões emocionais reprimidas. As mulheres do grupo demonstravam-se tímidas, apreensivas, desmotivadas, cansadas e através de alguns relatos. Estas mães sentiam-se despreparadas para voltarem ao convívio social, relataram não

disponibilizarem de tempo, para cuidar de si ou ter uma vida social, pois se dedicavam exclusivamente aos cuidados com o filho com necessidades especiais.

Algumas mães da instituição apresentavam estarem sobrecarregadas, pois em muitas delas se percebeu uma superproteção ao filho com necessidades especiais, onde esquece-se de si mesmo, e passa a viver exclusivamente para estes cuidados, elas deixam de viver socialmente, e muitas por vezes afastam -se do grupo familiar, conforme relato de algumas delas os maridos muitas vezes por não entenderem ou por falta de compreensão e também dos conflitos quanto aos cuidados dispensados a esse filho as abandonam, dificultando assim convívio familiar.

Segundo Batista (2007, p.21), trabalhos focados em habilidades sociais são teoricamente complementados por estudos na área das habilidades cognitivas como: analisar recursos; passos e procedimentos para solução de problemas; tomar decisões, pensar criticamente e desenvolver o autoconhecimento; habilidades para manejo de estresse, como identificar fontes de estresse, buscar recursos para lidar com estressores de vida; fortalecer a auto eficácia; controlar impulsividade; manejar ansiedade; lidar com o tempo e corrigir distorções de pensamento que geram estresse.

Portanto, percebeu-se junto a essas mães que as dificuldades por elas encontradas no atendimento, no cuidado, na manutenção diária da tarefa de ser mãe de uma criança com necessidades especiais, gera uma insegurança, uma insatisfação com o mundo, tudo fica mais difícil. E esta angustia, este medo do incerto, acaba provocando um sentimento de negação. Elas preferem ficar muitas vezes isoladas do que dividirem com outras pessoas seus problemas, suas dores, suas incertezas. Enfim, ensinar o indivíduo a lidar consigo e com o mundo, além de desenvolver habilidades de adaptabilidade a circunstâncias adversas de vida e prevenir o desenvolvimento de problemas emocionais e comportamentais. Para as pessoas com inabilidade em se expressar e se relacionar, estes comportamentos socialmente habilidosos são fundamentais.

Neste sentido Caballo (1996 apud Batista 2007, p.22) aponta que:

O comportamento socialmente habilidoso é o conjunto de comportamentos emitidos por um indivíduo em um contexto interpessoal que expressa os sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos desse indivíduo de um modo adequado à situação, respeitando esses comportamentos nos demais [...]

Para Jung (1985 apud Batista, 2007, p 32) os conteúdos da obra de arte revelam características do indivíduo que a realiza, pois são conteúdos que brotam do inconsciente e que podem ser compreendidas através do lápis, pincel, tinta, aquarela, giz de cera, argila e outros.

Sendo através das atividades expressivas que o indivíduo tem a possibilidade de obter um maior conhecimento delas, percebendo tanto seus aspectos positivos como negativos.

Esses aspectos podem ser compreendidos através das linguagens – a expressão artística e a verbal – pois uma auxilia, esclarece e enriquece a outra, facilitando a expressão das emoções e a compreensão de seus símbolos e conteúdo (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 1999 apud BATISTA, 2014, p. 33).

A resistência por parte de algumas mães em falar e relatar suas apreensões, e aceitarem dividir com as pessoas suas dúvidas seus medos, foi um dos processos mais difícil encontrado na realização deste trabalho. Algumas mães trouxeram na fala num primeiro momento, “que não gostariam de participar de um grupo onde elas tivessem que ficar respondendo a perguntas ou até mesmo participando de palestras” sic, demonstrando assim sua resistência em falar sobre as dificuldades em aceitar a deficiência do filho.

Verificou-se também que o panorama das integrantes do grupo no início dos encontros arteterapêuticos apresentava-se da seguinte forma: demonstravam um alto nível de ansiedade, tensão, impaciência e preocupação com o filho. Por outro lado, elas apresentavam motivação, alegria, habilidade e prazer em realizar as propostas das oficinas criativas. Na dinâmica grupal, algumas mães apresentavam-se de modo tímido, passivo e com pouca interação com as demais participantes do grupo. Observou-se neste grupo que elas mesmo sem falarem manifestam dificuldade em lidar com o comportamento de seus familiares, desemprego, crise financeira, atendimento à saúde, gastos do filho com material higiênico, medição e dificuldade para aceitar o preconceito social em relação ao seu filho, algumas mães inicialmente apresentaram uma intensa dificuldade de concentração e atenção, durante a execução das atividades arteterapêuticas e no momento da elaboração do pensamento sobre as propostas sugeridas ao grupo.

Galvão Wallon (1995 apud Ciornai, 2005, p. 141) define a linguagem como o instrumento e o suporte indispensável para o processo do pensamento. Onde a linguagem ao substituir a coisa, oferece à representação mental o meio de evocar objetos ausentes e de confrontá-los entre si. Os objetos e situações concretas passam a ter equivalentes imagens e símbolos, podendo assim, ser operados no plano mental de forma cada vez mais desvinculada da experiência pessoal e imediata. Ao transformar imagem em palavras, ocorre o entendimento cognitivo, capaz de direcionar os esforços. Nesse momento o arteterapeuta enquanto facilitador de oficinas criativas torna-se catalisador deste processo:

Pode-se observar, das pesquisas, que tanto para Freud, quanto para Jung a expressão dos conteúdos simbólicos é facilitada pelo uso da arte, porque o inconsciente se revela

melhor através de imagens do que por palavras (MARONI, 1998 apud BATISTA, 2014, p.34)

Durante o trabalho desenvolvido no estágio, percebeu-se a inibição das mães em relação à arteterapia. Das mães atendidas nesse período, a totalidade delas trouxe no discurso queixas acerca da necessidade de “fazer alguma atividade enquanto nossos filhos estão aqui” (sic). A necessidade demonstrada corrobora a fala de Maslow, onde a motivação está diretamente ligada à satisfação de necessidades.

O exposto acima sugere a fala de Batista (2014, p.33), onde a autora comenta que, o processo é enriquecido pela verbalização dos sentimentos durante a execução da obra, o que possibilita a compreensão das emoções e pensamentos, dando grande valor ao processo arteterapêutico. Para a autora, “a motivação para criar pode vir de uma necessidade consciente ou inconsciente, de construir ou reconstruir a própria história com imagens que possuem um significado pessoal”.

A arte terapia entra na atividade, como mecanismo de auxílio para desenvolver o processo de motivar as mães a participarem do grupo e a se ausentarem da sala de aula de seus filhos. Dessa forma foram adquirindo conhecimentos, realizando atividades, produzindo artesanatos para si, tendo um momento de lazer, realização pessoal, busca na melhoria de sua autoestima e colaborando para o processo de desenvolvimento dos filhos durante o período letivo.

Neste sentido, o objetivo da arteterapia, segundo Batista (2014, p. 24), para essa clientela, é o autoconhecimento, ou seja, que o indivíduo tenha um conhecimento de si próprio, dos seus pensamentos e sentimentos, que dessa forma tenha contato com seu mundo interno para conhecê-lo e aceitá-lo, integrando sua personalidade e, a partir disso, adquirir novas aprendizagens e mudanças.

As algumas mães manifestaram a vontade de apreender algo que lhes proporcionassem além de um momento para si, algo que elas pudessem transformar em renda, que ajudaria tanto elas como a família. Para que isso aconteça, a tarefa do arteterapeuta é fundamental para auxiliar os indivíduos a se descobrir e se entender melhor. Podendo assim, fazerem as escolhas de maneira mais consciente, descobrindo seus potenciais criativos, retomando a espontaneidade e a possibilidade de escolha, tomando em suas próprias mãos a direção de suas vidas, passando de agentes passivos a agentes ativos, desvendando as ferramentas que estão dentro de si e aprendendo a utilizá-las. Sendo assim, Arteterapia propõe-se a atuar nos processos de desenvolvimento humano por intermédio de recursos expressivos e artísticos, compreendendo

as inter-relações presentes na intervenção arteterapêutica, procurando novas saídas para o entendimento da vida, do universo e do ser humano (BATISTA, 2014, p. 23-24).

As atividades desenvolvidas com as mães da APAE

Partindo da demanda apresentada pela instituição, inicialmente a atividade desenvolvida com as mães, foi realizar a anamnese, a qual trouxe à tona as angústias e expectativas frente ao diagnóstico de seus filhos, e também mostrou como essas mães estavam sentindo-se desamparadas, sozinhas, carregando uma bagagem pesada e sentindo-se inseguras em relação a si, e quanto ao futuro dos filhos, sofrendo de fadiga e ansiedade, medo e cansaço físico e emocional. Muitas trouxeram em suas falas, que não teriam o direito de ter tempo para si mesmas. Apoiado na fala de A'Campo e Spliethoff-Kamminga (2010 apud Bracciali, Bagagi, Sankako e Araújo, 2012, p. 115), onde eles pontuam que: [...] a sobrecarga do cuidador pode reduzir a qualidade dos cuidados prestados e, conseqüentemente, pode afetar a saúde da pessoa que recebe cuidados. Conforme estudo realizado por Garrido e Menezes (2004) o cuidador que não recebe um suporte formal para atender às necessidades do indivíduo que precisa de cuidados corre o risco de, também, se tornar um paciente dentro do sistema. (BRACCIALLI, BAGAGI, SANKAKO e ARAÚJO, 2012, p. 116).

O trabalho do psicólogo em instituições que atendem pessoas com deficiência é fundamental para o processo de adaptação e desenvolvimento tanto do paciente como de seus familiares e cuidadores, pois se compreende que a influência destes últimos permite ao paciente sentir-se aceito, contido socialmente e seguro. Há momentos de grande afeto devido às conquistas (que para muitos pais passam despercebidos, mas para pais de pessoas com deficiência são verdadeiras vitórias) e também grandes momentos de tristeza e raiva (SÓLCIA, 2004 apud PADUA e RODRIGUES, 2013, p. 232).

Partindo das necessidades apresentada pelas mães da APAE, discutimos brevemente com elas sobre a importância do grupo terapêutico, exemplificando as funções da arte na arteterapia e, a dinâmica de grupo como facilitadora da troca de experiências entre elas. Neste sentido Carvalho (1995, p. 17) afirma que:

Na Arteterapia o objetivo primordial da utilização da atividade artística é favorecimento do processo terapêutico. [...] a terapia por meio das expressões artísticas reconhece tanto os processos artísticos como as formas, os conteúdos e as associações, como reflexos de desenvolvimento, habilidades, personalidade, interesses e preocupações do paciente.

Durante o processo de Arteterapia, o indivíduo expressa seus conteúdos internos por intermédio de atividades artísticas. O processo de Arteterapia foi desenvolvido em uma sala cedida pela instituição APAE, definido como atelier terapêutico. O ateliê é o local onde se dá o encontro do sujeito com o arteterapeuta, e a aventura criativa se coloca à disposição do autoconhecimento. Diferente de um ateliê artístico onde são ministradas aulas de arte e são transmitidos conhecimentos bem dirigidos, e também, distinto de um encontro psicoterapêutico, onde o paciente na maior parte do tempo se expressa pela linguagem verbal, o ateliê terapêutico é espaço próprio em que o envolvimento do sujeito com os materiais expressivos e o arteterapeuta se dá por meio dos sentidos, do olhar e de uma empatia afetiva. (NEVES, 2005, p17.)

Ciornai (2004), ressalta que a arteterapia é uma abordagem terapêutica, que através do uso de recursos artísticos, possibilita a transformação da dinâmica psíquica do indivíduo auxiliando o desenvolvimento no processo de individuação do sujeito. Desta forma, a referida autora, afirma que a arte auxilia o sujeito a aprofundar a própria conexão com seu eu interior. Os familiares necessitam de informações claras e precisas sobre a deficiência e suas necessidades, potencialidades e limitações, devem ser incentivados sobre seu relevante papel para o desenvolvimento e reabilitação da pessoa com deficiência. Também precisam lidar com a ansiedade que surge sobre o desempenho e desenvolvimento do paciente, pois a expectativa traz frustrações desnecessárias e evitáveis assim como a falta de expectativa despotencializa a família a buscar estimulações e novidades para o desenvolvimento da criança. (SÓLCIA, 2004, p 79).

No atelier terapêutico, o arteterapeuta oferece os materiais e a técnica de acordo com a necessidade da pessoa. Conforme Sanviani Chiesa (2004 apud Neves, 2005, p.17) “O atelier terapêutico integra a linguagem, a história da arte, o material, a técnica, os instrumentos, o processo e o produto. O foco está no desenvolvimento criativo na arte fazendo ponte para o criativo na vida do indivíduo”. O psicólogo não sugere solução, nem sequer esta é sua função. O papel do psicólogo está em potencializar o grupo em suas reais capacidades, e auxiliá-los a encontrar a solução pela busca de recursos emocionais. VIZZOTTO e GOMES, 2009 apud PADUA e RODRIGUES, 2013, p 2325).

É possível afirmar que o psicólogo encontra na família uma possibilidade de intervenção para propiciar a melhor qualidade de vida da pessoa com deficiência, pois a psicoterapia familiar evita que apenas a criança seja responsabilizada pela patologia ou deficiência, assim como também propicia uma modalidade preventiva de saúde mental e física

pelas orientações apoio recebido. (VIZZOTTO e GOMES, 2009 apud PADUA e RODRIGUES, 2013, p. 2328).

Durante as atividades desenvolvidas com as mães da APAE. Sempre buscamos realizar trabalhos de acordo com as demandas por elas trazidas e pelas observações realizadas. Para desenvolver o primeiro trabalho foi utilizada a Dinâmica do abraço, utilizada como “quebra gelo”, descontrair e promover o conhecimento entre os participantes e aproximar as pessoas. Pode-se constatar na fala das mães, a necessidade de contato físico, abraços. Pois, apesar de dividirem um mesmo ambiente e um a mesma situação, nunca tinha se tocado.

Na sequência, a primeira atividade prática desenvolvida, foi a confecção de almofadas decorativas. Como termino deste primeiro momento de construção, foi sugerido uma confraternização. Este momento, foi um desencadeador para que os primeiros sorrisos aparecessem. De acordo Padua e Rodrigues (2013, p. 23-26) “é possível afirmar que o psicólogo encontra na família ou grupo, uma possibilidade de intervenção para propiciar a melhor qualidade de vida”, pois a psicoterapia familiar evita que apenas a criança seja responsabilizada pela patologia ou deficiência, assim como também propicia uma modalidade preventiva de saúde mental e física pelas orientações apoio recebido.

Foi exatamente assim que aconteceu no grupo de mães, durante a execução das atividades eles conseguiram tirar o foco da deficiência do filho. Em sequência, aproveitando a data comemorativa, a atividade seguinte foi a criação de guirlandas de Páscoa. Os materiais foram trazidos pelos estagiários, que organizaram a execução do trabalho. Isto pode ser observado na imagem abaixo:



Os autores Goitein e Cols. (2011, p. 47) ressaltam que os grupos de intervenção são importantes também para oferecer apoio social aos seus membros. Diferentes autores trabalharam essa questão, tais como Floyd e Philippe (1993); Paniagua (2004), onde ressaltam “A família necessita de um suporte social para manutenção do equilíbrio, pois existe uma

relação direta entre a quantidade/satisfação com o suporte social, o nível de estresse parental e a satisfação com a família” (GOITEIN e Cols, 2011, p. 48)

Durante a atividade as mães, foram trocando informações entre elas, e, também, trocando experiências de cuidados com o filho com Necessidades Educativas Especiais. Urrutigaray (2008, p. 28) define a arte como sendo uma ação que facilita o desenvolvimento humano e a transformação da realidade:

Através do exercício da arte, entendida como um conjunto de ações coordenadas, sistematizadas e integradas entre si para a execução de uma tarefa, [...] o indivíduo adquire o poder de transformar o real e o factual em novas virtualidades, criando novas possibilidades, expectativas e interesses.

Através deste trabalho despertou o interesse das mães em criarem novas habilidades até então não descobertas por elas. O Baú de Histórias, mescla de dinâmica e arteterapia. Foram adquiridas caixas de madeira, tinta e materiais de decoração. As mães deveriam escolher uma história ou passagem de sua vida que fosse a mais marcante e utilizar-se dela como inspiração para a construção do seu Baú de Histórias.

Após a construção, ocorrida em três semanas, foi finalizado o trabalho com a dinâmica: cada mãe compartilharia sua história com o grupo, explicando as razões de sua escolha e como decidiu por decorar sua caixa. Sendo considerada pelos estagiários como o trabalho mais relevante dentro do processo, pois todas trouxeram suas emoções, sentimentos e puderam se perceber – de acordo com a própria fala delas – que “não estão sozinhas. Todas ali têm suas dores, sofrimentos, alegrias, e que o diagnóstico de seus filhos não as impede de também retirarem tempo e espaço para seus interesses pessoais” (sic).



A dinâmica de Mímica e de Modelagem de Sentimentos foi uma atividade proposta para as mães trabalharem não só a criatividade, mas para compreender que muitas vezes

precisa-se perceber o outro além das palavras. As mães, divididas em dois grupos, foi dada a consigna de que deveriam escolher alguma música, cena de filme, dança ou frase e representá-la através de mímicas e o outro grupo deveria desvendar o enigma proposto, usando a criatividade. A Modelagem de Sentimentos teve a pré-dica de trazer às mães a possibilidade de expressarem-se através do outro, criando maior empatia.

Para Costi (2007), relato de experiência em Seminário, o valor da arteterapia em grupo é a possibilidade de criação de vínculos de amizade, e ter com quem partilhar suas dores com empatia. A imagem abaixo mostra o trabalho realizado.



O trabalho com material reciclável foi desenvolvido com as mães para que as mesmas descobrissem maneiras diferentes de expressar sua criatividade. Material utilizado: Tinta, pastilhas de CD, papéis coloridos, bandeja em MDF, cola. Neste trabalho as mães representaram através das cores e desenhos os sentimentos presentes na vida delas naquele momento.



Por intermédio da arteterapia, utilizando-se da metodologia da oficina criativa, buscou-se oferecer ao grupo de mães a possibilidade de um aumento na qualidade de vida, facilitando fortes mudanças positivas no desenvolvimento do papel de mãe, além de contribuir na evolução das condições afetivas e sociais das participantes do grupo.

Segundo as autoras Bracciali; Bagag; Sankak e Araújo (2012, p. 113), o cuidador principal é a pessoa que despende um tempo maior com os cuidados do indivíduo com necessidades especiais, ela pode estar exposta a uma série de consequências devido a esse fato. Podendo assim vir a ter desgastes físicos, psicológicos ou emocionais devido à sobrecarga a que está submetido. Para as autoras:

A sobrecarga do cuidador pode ser vista como um conceito multidimensional que abrange a esfera biopsicossocial e resulta da busca de um equilíbrio entre as variáveis: tempo disponível para o cuidado, recursos financeiros, condições psicológicas, físicas e sociais, atribuições e distribuição de papéis.

Com a possibilidade de crescimento do grupo, onde estas aprenderam a lidar de modo mais espontâneo e criativo com os relacionamentos familiares e sociais. Estas mulheres são portadores de sofrimento psíquico, pois carregam uma bagagem pesada e muita insegurança. Sofrem de fadiga e ansiedade crônicas, dores musculares e contínuo esvaziamento. Medo e incertezas quanto ao futuro dos filhos. Não se dão o direito de ter tempo para si mesmas (Costi ,2007)³.

A intenção inicial do estágio, não foi fazer trabalho de grupo com as mães, é sim trabalhar com uma metodologia que permitisse a aproximação desta entre si. Entendemos que, todas estas mulheres dividem uma mesma situação e vivem sob o mesmo quadro, porém o trabalho até então realizado, não tinha atingido um nível satisfatório de proximidade entre elas, tampouco possibilitado a partilha da vida em comum. A partir do momento em que foi criado um espaço para compartilhar vivências e experiências, a integração passa ser interessante, já que estas mães têm muito a oferecer uma para as outras.

Deste modo Petean (1995 apud Brunhara e Petean, 1999, p.33) comenta que “conforme vão superando e sobrevivendo à deficiência independente da explicação que possuem, as mães esperam que o desenvolvimento do filho melhore ou seja normal”. O desejo de um quadro evolutivo é uma constante para os profissionais envolvidos com as famílias de pessoas portadoras de deficiência, é de suma importância que tenham o maior conhecimento possível

³ (Relato de experiência em Seminário)

das dinâmicas pelas quais passam estas famílias para se instrumentalizarem emocional e racionalmente.

A confecção de panos de prato foi um trabalho sugerido pelo grupo de mães, que manifestaram a vontade de aprender e também desenvolverem suas habilidades. Conforme o grupo foi se conhecendo e percebendo que suas preocupações e interesses eram parecidos passaram a sentir-se mais à vontade em participar e também a sugerir atividades. A ilustração abaixo demonstra o funcionamento do grupo durante o desenvolvimento de atividades. Assim como o grupo sendo integrado, os trabalhos por elas produzidos também foram se aprimorando.



Como suporte social, os autores mostram os grupos de apoio formados por famílias que apresentam problemas semelhantes, como citam alguns autores como Fávero e Santos (2005) Fiamenghi e Messa (2007) Ribeiro e cols. (2007). Tais grupos são importantes, pois muitas famílias isolam-se socialmente devido à total dedicação ao cuidado com o filho com Necessidades Educacionais Especiais (GOITEIN e CIA., 2011, p. 48).

O incentivo e a motivação e o apoio oferecido pela instituição, foram de grande importância no decorrer deste processo. Pouco tem sido produzido acerca do papel do psicólogo no acompanhamento e aconselhamento psicológico de familiares de pessoas com deficiência Para Glat (2009 apud Padua e Rodrigues, 2013, p. 23-26) “é papel do psicólogo auxiliar no vínculo com as instituições e com outros profissionais auxiliares”.

Sólcia (2004, p.24), complementa:

Quanto maior o entrosamento entre a instituição, as famílias e a comunidade em que estão inseridas, tanto maiores serão as chances de se alcançar a inclusão da pessoa portadora de deficiência na sociedade e respeito por suas necessidades.

Padua e Rodrigues (2013, p. 23-30) enfatizam quanto a atitude da mãe, pois, quanto mais segura, bem ajustada e positiva for a atitude materna, mais estes sentimentos serão afirmados pelo restante do grupo familiar. Lefèvre (1981) também pontua as dificuldades vivenciadas pelas mães em especial. Elas podem se focar mais nos cuidados da criança, deixando de lado parte ou totalmente a sua realização social, profissional, pessoal, etc. Conforme o cita o autor acima, o papel do psicólogo neste caso é orientar para os benefícios da divisão dos cuidados com os familiares, para a participação ativa de todos os membros de modo a não sobrecarregar apenas uma pessoa. Deste modo, deve propiciar um espaço para que papéis sociais e familiares sejam questionados e refletidos e, assim, descristalizados.

Após a consolidação do grupo, e devido ao sucesso do trabalho realizado, o grupo de mães ganhou da instituição máquinas de costura e bordado para que as mães desenvolvam trabalhos nesta área, e pudessem agilizar os trabalhos. Devendo assim considerar o número escasso de grupos de apoio que são oferecidos para a sociedade. Ainda segundo Goitein e Cols. (2011, p. 48) “geralmente, a iniciativa da criação de tais grupos vem de instituições filantrópicas, de organizações não governamentais ou mesmo da comunidade”. Além do que, não existe uma sistematização desses grupos, ou seja, não se avalia a sua efetividade, os aspectos a serem trabalhados com os pais e a necessidade das crianças. Constata-se a necessidade de políticas públicas para aumentar esse apoio aos pais. (GOITEIN e Cols. 2011, p. 49).

Dando continuidade aos trabalhos, pela solicitação do grupo foi realizado uma atividade para aliviar o estresse, já que a vida destas mulheres é bastante intensa. Mas vale lembrar que quando o nível de estresse é adequado, este se constitui um fator motivacional que impulsiona os pais a desempenhar suas tarefas. Contudo, níveis de estresse muito elevados podem comprometer o funcionamento familiar com consequências negativas para os pais e para os filhos. Segundo Margis, Cosner e Silveira (2003) o estresse parental é o melhor preditor da saúde e do bem-estar dos pais, assim como do desenvolvimento do filho, comparativamente com o estresse de outra natureza.

Para atender as necessidades do grupo optamos por trabalhar com o filtro dos sonhos, que foi confeccionado em três encontros. Para iniciar a atividade, as mães foram orientadas ao trabalho de respiração dirigida e relaxamento para que, na sequência, executarem os procedimentos do filtro. O facilitador explicou o histórico e o método de construção da peça. Segundo Jung (2002, p 385), a mandala se encontra na própria alma humana, aparecendo nos sonhos e em diversas imagens criadas pelo nosso inconsciente. O Círculo Representa, o Círculo da Vida. As rodas, ou círculos, representam a totalidade. O círculo é o símbolo do Sol, do Céu

e da Eternidade. No simbolismo ancestral o círculo é o símbolo do espaço infinito, sem começo e sem fim. Qualquer que seja a representação simbólica em qualquer era e em qualquer cultura, um Círculo de Poder, serve como um espelho, onde podemos ver o reflexo do Universo e o Grande Tudo, que contém a totalidade, trabalhando para o entendimento dos mistérios da vida, do cosmos, e das leis naturais, variando de acordo com cada tradição e intenção. Pode ser colocada uma pena no centro, simbolizando a respiração, o elemento ar, e em alguns são colocados uma pedra/cristal. Tudo o que é colocado possui um significado.

Após a finalização do trabalho as mães tiveram um tempo para falar sobre como se sentiram ao desenvolver esta atividade. Muitas relataram que ao fazerem a trama com a linha “era como se estivessem vendo sua vida, e os nós representavam as dificuldades encontradas ao longo de suas vidas”. Jung (2002, p. 387), constatou que na construção das mandalas seus pacientes melhoravam ou relaxavam com o uso da mesma. Ele dizia que as mandalas poderiam trabalhar a Psique, atuando no processo de autoconhecimento do cliente. A meta é a liberação do indivíduo de seus aprisionamentos passados, para que deixe de reagir à sua história e passe a agir e se conduzir dentro de uma proposta relacional atualizada e pessoal com sua família de origem e com sua vida. Busca-se o desenvolvimento da individualidade, mantendo a conexão com a família, integrando o ser autônomo.

A próxima etapa foi fazer com que as mães refletissem sobre o grupo e como estavam se sentindo em relação a arteterapia. Foi realizado um relaxamento com música e controle da respiração. Durante o relaxamento foi solicitado que as mães refletissem de como elas estavam, como era antes de participar do grupo, o que mudou, o que gostariam que ainda mudasse, o que esperavam do grupo. Após o relaxamento conduzido pela música as mães receberam uma folha de ofício em branco e uma caneta, para que escrevessem seus sentimentos em relação ao grupo de arteterapia. E depois falassem sobre o que escreveram.

Nesta etapa da transposição da linguagem refere-se ao momento da oficina criativa em que há a (re)significação do processo terapêutico através da linguagem verbal. Ou seja, é a etapa onde o pensamento consciente é estruturado de modo diretivo e sistematizado. Em relação a presente pesquisa, observou-se que através da etapa da transposição de linguagem as mães tiveram a oportunidade de refletirem e exporem verbalmente o modo como estavam vivenciando a experiência arteterapêutica.

Diante da proposta, obtivemos os seguintes relatos:

Evelise: quanto ao curso eu amo, adoro, gosto de vocês, gostaria que vocês continuassem o trabalho com o grupo, por que após a morte de meu filho, continuar participando me ajudou a enfrentar a perda. **Alessandra:** fui descobrindo aos poucos como era o grupo, o que faziam e fui me organizando para poder participar. Aprendi

coisas que nem ao menos sabia que era capaz de fazer e o mais importante ensinar minha filha. Foi muito gratificante, esquecer um pouco nossa vida agitada e aprender e descobrir coisas novas. Quanto ao relaxamento é e sempre será muito importante, pois no dia a dia não temos tempo para fazer, e isso nos acalma.

Para Pichon-Rivière (1980), os grupos são conjuntos reservados de indivíduos unidos em progressão de tempo e espaço, pronunciados por suas recíprocas exibições internas, que se orientam de maneira clara ou oculta à prática de um trabalho, a qual compõe sua meta, interagindo por meio de complexas estruturas e assunção de papéis.

Iara: para mim e muito bom participar do grupo no início relutei um pouco pois não conseguia deixar que outra pessoa tomasse conta de meu filho, então permanecia na sala junto a professora, ainda é difícil, mas estou melhorando, me deu mudanças para melhor, bem melhor o grupo ajuda muito, aprendi muito. A atividade dos panos de louça, para mim foi 10, tantas coisas novas e boas, apesar de minhas faltas, gosto muito do grupo, faltas por motivos de saúde. **Rosângela:** no começo foi muito bom, conhecer vocês, começamos as atividades, e dali em diante comecei a ter vontade de estar aqui, todas as quintas feiras junto com o grupo, a cada novidade que era trazida me empolgava e tentava aprender as vezes mais difícil, mas com a ajuda e companheirismo de todos sempre conseguia não tenho nada a reclamar pois sempre tive uma boa aceitação de todos os trabalhos desenvolvidos, espero que continuemos juntos a desenvolver os trabalhos. Quanto ao relaxamento e muito importante, nos acalma e ajuda, queria que tivéssemos mais tempo para falarmos, porque as vezes precisamos conversar mais e o grupo nos ajuda.

Na ação de um grupo cada indivíduo é diferente dos demais, em benefício, motivações, princípios, atitudes etc., que são projetadas sobre os diferentes membros e sobre o grupo inteiro. Cada membro colabora com forças assertivas e negativas, explícitas e ocultas. No método de convívio entre o grupo despertam novas forças, que apesar de serem do indivíduo, acontecem simplesmente devido à interação com os outros membros (MAILHIOT, 1991).

Lucia: esse tempo que venho participando do grupo esses encontros pra mim foi muito gratificante, com os trabalhos feitos em grupo, no aprendizado de cada um de nós, aprendendo e também sendo útil, ao passar algo que sei para alguém, ensinar outra pessoa me deixa feliz, eu na minha opinião quero continuar esses encontros fazendo ou não atividades só a presença nesses encontros é muito importante, a gente escuta, fala aprende com as outras a dividir os problemas do dia a dia. **Nailde:** eu gostei muito de participar do grupo, muito bom eu aprendi muito, eu me sinto muito mais feliz, e uma terapia pra mim, em casa não tenho tempo de fazer nada, porque tenho que fazer tudo sozinha, aqui eu posso conversar e aprender e muito grande a emoção de aprender coisas novas com vocês. E o relaxamento é muito bom, não tenho tempo de fazer em casa.

Nas ocasiões grupais aparecem qualidades novas e individuais, essenciais do grupo, que induzem sobre o comportamento do indivíduo. Tais normas são modelos ou expectativas dos procedimentos compartilhadas pelos membros de um grupo, usados para julgar da propriedade ou do desajuste de suas inteligências, emoções e comportamentos. A dinâmica e o seu

desempenho grupal atribuem-se aos diferentes tipos de acontecimentos que abrangem a convivência em grupos.

De acordo com Maré (1974), esses acontecimentos se compõem pela estrutura, processo e conteúdo, que se correspondem também nas três perspectivas da comunicação: a transpessoal, a intrapessoal e a interpessoal. A estrutura do grupo baseia-se no tempo do grupo, no enquadramento das pessoas e na situação dos lugares, os procedimentos iniciais, as metas e objetivos impostos e os integrantes e suas escolhas.

O fechamento das atividades com o grupo foi importante para que pudéssemos observar importância deste para as mães. As falas trazidas por elas contataram a relevância destes encontros. A arteterapia foi fundamental para a estruturação do grupo terapêutico. Neste sentido, Jean Clark Juliano (1999, p. 21) define como papel do arteterapeuta, “[...] acolher o cliente, com tudo que ele traz de tenebroso ou de sublime, deixando-o depositar no chão sua bagagem, que se tornou pesada de tanto carregar nas costas [...]”.

Para Padua e Rodrigues (2013, p. 23-30) também é possível afirmar que o psicólogo está relacionado com o papel de aconselhamento e orientação, pontuando questões relevantes quanto à rotina e cuidados diários, esclarecendo concepções errôneas sobre a deficiência e possibilitar melhor vínculo da equipe profissional e comunidade com a família, pois para as autoras:

O profissional deve estar a par dos conhecimentos técnico científicos produzidos tanto na sua área como na área da deficiência. Neste quesito, o papel do psicólogo também possui sua relevância para auxiliar na boa vinculação dos familiares às instituições relacionadas e profissionais de apoio ao paciente com deficiência, se possível situando-se em um trabalho de equipe multiprofissional.

Estando atento a dinâmica familiar, elaborando intervenções para que o papel de cuidado da pessoa com deficiência não seja centralizado em um único membro familiar e sim, realizado conjuntamente. Embora seja importante o ingresso em programas de intervenção e grupos de apoio, a família pode demorar mais para se adaptar ou mesmo para buscar tratamentos diferenciados aos filhos com Necessidades Educativas Especiais, porque, muitas vezes, o diagnóstico da criança é transmitido de uma forma errada. (GOITEIN e Cols, 2011, p. 49).

Para Goitein e Cols. (2011, p. 48) a sociedade ainda está marcada pelo preconceito com a diferença, em que pessoas que estão “fora de um padrão” são excluídas, principalmente quando este padrão está relacionado ao nível de desenvolvimento cognitivo. Portanto diante dessa realidade, psicólogos e educadores devem:

Trabalhar com a mudança nas concepções, provimento de informações (sobre desenvolvimento das crianças com deficiência, responsabilidade civil e direitos) dentro das escolas, comunidades e outros centros, e com a habilidade dos pais e das crianças para enfrentarem comportamentos preconceituosos da sociedade, de modo geral, e muitas vezes da família, uma vez que muitos pais deixam os seus filhos em casa, sem ter contato com as pessoas e o público por temer uma reação negativa dos demais.

Para Dorsh (2001, p. 56) “a ciência que pretende com a interpretação compreender a ação social e assim explica-la causalmente em seu curso e seus efeitos”. A comunicação entre os indivíduos dentro de um grupo cria uma dinâmica que, não somente gera a descoberta das afinidades, mas também expõe os receios, que mostram como consequência, os diversos mecanismos de defesa. Segundo Dall’Agnol e Martini (2003), os processos grupais vão depender da estrutura da atividade imposta e principalmente da característica dos indivíduos. Por isso, a bagagem de cada sujeito favorece na composição de um grupo.

Rivière (1998), afirma que para que se exista um grupo, é necessário que os indivíduos sejam movidos por um objetivo em comum e se unam em volta de uma atividade específica, em um equilíbrio de tempo e espaço. No cumprimento e no desenvolver destas atividades, os indivíduos deixam de ser um agrupamento e passam a assumir sua parcela de comprometimento dentro do grupo que se unem em prol de um objetivo em comum. Neste contexto, uma das características de um grupo é o de ensino-aprendizagem, onde o objetivo é “aprender a aprender”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresentou como tema a arteterapia como meio facilitador da integração das mães da APAE: o relato de uma vivência. Para direcionar a pesquisa foi proposta a seguinte problemática: A arteterapia no campo da psicologia pode ser utilizada como um meio facilitador das interações interpessoais no caso de mães que acompanham seus filhos na APAE? Como resposta provisória do problema de pesquisa foi apontada a hipótese de que arteterapia no campo da psicologia pode sim ser utilizado como meio facilitador das interações interpessoais, pois, no caso do trabalho desenvolvido com estas mulheres, verificou-se que a arteterapia pode contribuir para a adequação do desempenho do papel de mãe de crianças portadoras de necessidades especiais, assim como na evolução do processo de desenvolvimento emocional e social destas mães.

As respostas efetivas obtidas durante os encontros do grupo propiciaram, de modo significativo, a adequação do papel de mãe, havendo, assim inúmeras mudanças na maneira

com que elas passaram a lidar com as demandas físicas, comportamentais e psicológicas de suas e de seus filhos, fazendo com que descobrissem suas limitações e potencialidades. As atividades desenvolvidas estimularam e auxiliaram a elaboração de sentimentos, emoções, fomentando, desta forma, o crescimento no processo de autoconhecimento e a evolução no desenvolvimento emocional destas mães. Em paralelo, o desenvolvimento social dos membros do grupo também ocorreu, e as mães aprenderam a compartilhar com outras pessoas seus medos, ansiedades, dúvidas e cuidados com os filhos, e também a manejar com maior espontaneidade e criatividade os relacionamentos familiares e sociais. Por fim, as sessões de arteterapia auxiliaram cada mãe a (re)significar a vida cotidiana e a mudar o modo de perceber e vivenciar a realidade interna e externa.

O principal objetivo deste estudo foi o desenvolvimento das mães da instituição APAE, através da arteterapia. Por meio deste trabalho, foi possível evidenciar as mudanças significativas que ocorreram no grupo. Ficando comprovado que a arte tem um impacto de forma sistêmica na vida das pessoas, transformando suas relações com as outras pessoas e sua forma de enxergar o mundo. Percebi que as pessoas sentiam necessidade deste contato e embora, em um primeiro momento parecessem apreensivas, depois se soltavam completamente. Quando todas se renderam e, deixaram de lado qualquer censura pelo que estavam fazendo, conversam umas com as outras trocando informações, que para muitas delas ainda era um tabu.

Em resposta aos questionamentos deste estudo, que durante o processo grupal foram muitos, ficou para mim comprovado que aquisição de novos comportamentos melhora a qualidade das relações, facilita o desempenho de enfrentamento ao estresse, facilita o autocuidado. Conclui-se ao final deste que a criatividade, a liberdade psíquica, a expressão de sentimentos através da arte, torna as relações mais saudáveis, proporciona a qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Vivian Rosa, **A arteterapia promovendo habilidades sociais em pessoas com deficiência**, Goiânia, 2007, Alquimy Art Curso de Especialização em Arteterapia Pós-Graduação lato sensu, Universidade Potiguar – UNP.

BRACCIALLI, Lígia Maria Presumido. BAGAGI, Priscilla dos Santos. SANKAK, Andréia Naomi. ARAÚJO, Rita de Cássia Tibério. **Qualidade de vida de cuidadores de Pessoas com necessidades Especiais**, Marília, SITE www.scielo.br/pdf/rbee/v18n1/a08v18n1.pdf acesso em.22.04.2016

BRUNHARA, Fabiola. PETEAN, Beatriz Lopes. **Mães e filhos especiais: Reações, sentimentos e explicações à deficiência da criança**, FFCLRP-USP, Tese de Mestrado, <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v9n16/04.pdf>, Ribeirão Preto, 1999, Acesso em 22.05.2016;

BUSCAGLIA, Leo. **Os deficientes e seus pais**, 5 edição, editora record, São Paulo, 1993;

CARVALHO, M.M.M.J. **A Arte Cura? Recursos Artísticos em Psicoterapia. Workshop**. Livraria, Editora e Promotora de Eventos, 1995.

CIORNAI, Selma. **Percursos em Arteterapia, Ateliê Terapêutico, Arteterapia no trabalho Comunitário, Trabalho plástico e Linguagem Expressiva, Arteterapia e História da Arte**. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

CIORNAI, Selma. **Percursos em Arteterapia, Arteterapia e Educação, Arteterapia e Saúde** São Paulo: Summus Editorial, 2005.

COSTI, Marilice. **Arteterapia para familiares de portadores de sofrimento psíquico**, V Congresso Sul Americano de Criatividade X Jornada Gaúcha de Arteterapia e VIII encontro de Terapias Expressivas (relato de experiência em Seminário), Banner, Buenos Aires - Argentina - 14 a 16 nov 2007.

DALL'AGNOL, C. M, MARTINI, A. C. **Reuniões de trabalho: mais do que uma ferramenta administrativa, um processo educativo**. Texto & contexto: Enfermagem 2003

DEL PRETTE, A. & DEL PRETTE Z. A. P., **Psicologia das Habilidades Sociais: Terapia e Educação** - Petrópolis: Vozes - 1999.

DORSH, Friedrich et. al. **Dicionário de Psicologia**. Redação Horst. Ries. Trad. Emmanuel Carneiro Leão e equipe. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2001.

GOITEIN, Paula Cruz. CIA, Fabiana. **Interações familiares de crianças com necessidades educacionais especiais: revisão da literatura nacional**, Psicol. Esc. Educ. (Impr.) vol.15 no.1, Universidade Federal de São Carlos, Maringá, 2011.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2002

JULIANO, Jean Clark. **A arte de restaurar histórias**: libertando o diálogo, São Paulo, Summus, 1999.

MAILHIOT, Gerald. **Dinâmica e gênese dos Grupos**. Coleção Psicologia e Grupos: São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1991.

MARÉ, P. B. de. **Perspectivas em psicoterapia de grupo**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

MARGIS R, P. P. COSNER, A. F. SILVEIRA, R. O. **Relação entre estressores, estresse e ansiedade**. *Revista Psiquiatria* 2003; 25(1):65-74.

NEVES, Rafaella Vitale Montrezol, **O movimento na arteterapia: Um caminho de novas possibilidades**, São Paulo, 2005, Tese de Monografia, UNP – Universidade Potiguar.

PADUA, Elisângela Sousa Pimenta de. RODRIGUES, Luzia. VIII Encontro da Associação Brasileira de pesquisadores em educação especial - família e deficiência: **Reflexões sobre o papel do psicólogo no apoio aos familiares de pessoas com deficiência**, <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages>. Acesso em 17.05.2016.

PICHÓN- RIVIÈRE E. **História dos grupos operacionais técnica**. Tema de psicologia social. Vol.3. Buenos Aires:1980.

_____, **O processo grupal**. 6° ed. São Paulo: Martins Fontes; 1998.

SÓLCIA, I. V. **Âmbito familiar: a reação da família frente a notícia da deficiência dos filhos**. Monografia apresentada na Universidade Estadual do Norte do Paraná, 2004.

URRUTIGARAY, M. C. **Arteterapia, A transformação pessoal pelas imagens**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.